

Guia de Práticas de Leitura

Acervos 2024


natura
CRER
PARA
VER

100% do
lucro para
transformar
vidas através
da educação



1. Introdução	4
2. O acervo e a biblioteca	6
2.1 Diretrizes	8
2.2 Alinhamento com a BNCC lei nº 11.645	11
2.3 Classificação dos livros	13
3. Estratégias educativas	16
3.1 A atuação da pessoa mediadora.....	16
3.2 Espaços e tempos de encontro	21
3.3 Dispositivos de mediação e atividades sugeridas	28
4. Conclusão	53
5. Leituras sugeridas	55
6. Lista de livros.....	59

realização por
Instituto Natura

uma produção
Biscos.

direção geral por
Flavia Lozano e Sofia Cruz

coordenação educativa por
Amanda Letícia

curadoria de livros por
Ana Assis, Camila de Sá e Rafael
Oliveira

desenvolvimento do Guia de Práticas
de Leitura por
Ana Assis, Amanda Letícia, Camila
de Sá, Flavia Lozano, Gui Bueno e
Laís Rosa

diagramação Guia de Práticas
de Leitura por
Daniel Rana



1 Introdução

Ouvimos, lemos e contamos histórias todos os dias. Elas nos tocam, nos movimentam, constroem nossos olhares e nossas vivências. Aprender a ler histórias é aprender a ler o mundo. Nossas potências se expandem e novos territórios surgem no nosso campo de visão. Se algumas histórias já criam toda essa mudança dentro e fora da gente, imagina só uma biblioteca inteira?

É por isso que, com o apoio de **Crer Para Ver**, o Instituto Natura começa o ano de 2024 oferecendo histórias para crianças em fase de alfabetização – entre os 6 e os 9 anos de idade – de 45 escolas públicas espalhadas por todo o país, com a entrega de 5 bibliotecas e a distribuição de 5 mil livros.

É uma alegria que sua escola foi uma das escolhidas! Para apoiar você e toda a equipe docente em integrar esse presente ao cotidiano das crianças, bem como potencializar o trabalho incrível que vocês já vêm fazendo para alfabetizá-las, elaboramos este guia. Aqui, contamos sobre a escolha dos livros que vocês estão recebendo e compartilhamos algumas sugestões para trabalhar com a leitura deles.

Boa leitura!



2

O acervo

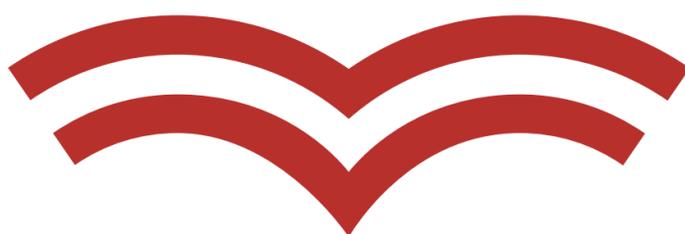
“Criar um acervo é encontrar, adquirir, organizar e manter itens em um cômodo, uma casa, uma biblioteca, um museu. Também é, inevitavelmente, uma maneira de pensar o mundo - as conexões e os princípios que produzem um acervo contém conclusões, justaposições, descobertas, possibilidades experimentais e associações.

A criação de acervos, pode-se dizer, é uma maneira de criar conhecimentos.”

– HANS ULRICH OBRIST

Um acervo representa uma coleção organizada de obras, materiais ou objetos que são disponibilizados para fins de pesquisa, educação, preservação histórica, exposição e referência. No nosso caso, o acervo de que estamos falando é uma coleção de 100 livros para crianças de 6 a 9 anos que vão compor a biblioteca da sua escola.

A criação do acervo e do guia foi realizada por pessoas educadoras que incentivam a leitura, atuantes em bibliotecas de ensino formal e em espaços culturais diversos, bem como envolvidas com a escrita de materiais didáticos e paradidáticos.



2.1 Diretrizes

Nosso acervo conta com livros escritos sobretudo por pessoas brasileiras e que representam a nossa pluralidade de vivências, realidades, sonhos e caminhos. Reunimos essa coleção exatamente para valorizar o papel da diversidade na construção da nossa cultura e identidades, além de nos atentarmos para as implicações educativas quando eles são ativados no contexto escolar.

Com isso em vista, apresentamos as diretrizes que nos orientaram na criação do acervo nas páginas a seguir.



- 1. Adequação à faixa etária:** todas as obras são adequadas e relevantes para crianças em fase de alfabetização.
- 2. Foco no potencial educativo:** alinhados com a BNCC, os livros escolhidos podem contribuir diretamente com o processo de aprendizagem em turmas de crianças dos 6 aos 9 anos.
- 3. Variedade:** junto disso, consideramos diversos temas, gêneros literários e períodos de publicação para atender às também diversas preferências e possíveis necessidades das pessoas alunas.
- 4. Brasilidades plurais:** buscamos ainda a representação plural de experiências e visões sobre o Brasil, isto é, a presença de livros de pessoas autoras brasileiras que abordam temas relevantes no nosso contexto social.

5. Diversidade: para além da variedade de temas e gêneros, a diversidade aparece também na escolha de autores e personagens de diferentes origens raciais, culturais e sociais.

6. Presença marcante da literatura antirracista e indígena: com o intuito de questionar a associação das minorias ao lugar marginal, esporádico, exótico e estereotipado, os livros do acervo valorizam as ancestralidades e as memórias coletivas dos movimentos de resistência.

7. Preservação do meio ambiente: escolha de obras que abordam questões ambientais, dada a urgência de tratarmos sobre elas, especialmente no que toca ao impacto da crise ambiental para as gerações futuras.



2.2 Alinhamento com a BNCC e a lei nº 11.645

Considerando seu uso no contexto do ensino formal, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) foi um importante guia tanto no trabalho de curadoria dos livros que sua escola está recebendo, quanto no desenvolvimento deste guia, suas diretrizes e práticas.

Olhamos com cuidado para as competências gerais e específicas da Língua Portuguesa e da grande área de Linguagens da BNCC, para garantirmos que os conteúdos mobilizados pelas obras selecionadas e as práticas aqui sugeridas possam te apoiar no desafio de convidar as crianças a serem pessoas que leem literatura. Ou seja, pessoas que



reconhecem as diversas camadas de um texto literário, apreciando as possibilidades de encantamento com uma história e desenvolvendo uma relação consciente e afetiva com os livros.

Outro documento nacional importante que nos acompanhou nessa criação foi a lei nº 11.645, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “*História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*”.

Mesmo que essa legislação date de 2008, sua implementação ainda hoje depende muito de esforços isolados de pessoas educadoras e gestoras em diferentes escolas do país. Assim, mais do que uma contribuição com os trabalhos que já vem sendo realizados nesse sentido, trazê-la aqui é uma defesa de sua urgência e importância no desenvolvimento de uma educação de qualidade para todos.



2.3 Classificação dos livros

Estabelecemos classificações para organizar a curadoria de livros, com o objetivo de apoiar o primeiro acesso às obras para as pessoas educadoras. Essa é apenas uma forma de classificar os livros, é possível criar novas categorias, bem como criar novos sistemas de classificação a partir das necessidades da sua escola.



Poesia:

Livros estruturados em formato poético.



Memória e ancestralidades: Narrativas que contam as nossas histórias, seja a de uma família, sejam as narrativas que compõem o Brasil. Agrupa as seguintes subcategorias: culturas africanas/afro-brasileiras, culturas indígenas e culturas nipo-brasileiras.



Emoções e afetos: Livros que apoiam o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, convidando quem lê a nomear suas emoções e sentimentos, celebrar as diferenças e se relacionar com vistas ao bem viver coletivo.



Uma boa história: Obras para serem lidas em grupo ou individualmente. É só encontrar um cantinho, se deixar levar pela história e se deliciar!



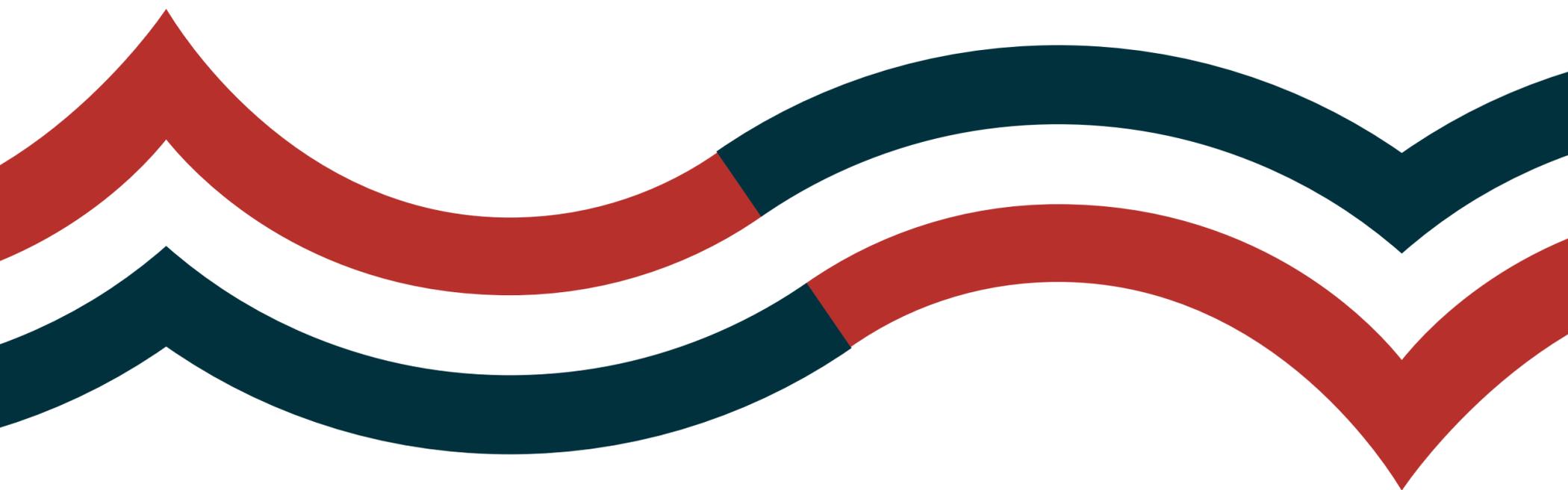
Histórias de verdade: Narrativas baseadas em histórias reais, como a biografia de pessoas conhecidas, ou trazem informações sobre o mundo em que vivemos.



Feminismos: Livros com protagonistas femininas que buscam inspirar a equidade entre gêneros, possibilitando um olhar amplo para os papéis atribuídos e desempenhados pelas mulheres a considerar diferentes origens sociais, culturais e raciais.



Meio ambiente: Obras literárias focadas em chamar a atenção das crianças para as diversas formas de existência no planeta Terra, desenvolvendo sua sensibilidade para a necessidade de agirmos em prol da preservação da natureza que nos envolve para a manutenção da vida.



3 Estratégias educativas



3.1 A atuação da pessoa mediadora

Para que as crianças se sintam cada vez mais familiarizadas com o objeto-livro, sugerimos algumas práticas de **leitura sensível** que podem ser realizadas pelas pessoas mediadoras, ou seja, leituras que ultrapassam o ato de abrir o livro e ler as palavras e imagens, criando uma rede de significados em torno do objeto livro. Tais práticas propõem possibilidades de desdobramentos a partir dos livros, além de facilitarem o trabalho com a literatura junto às crianças. Elas dizem respeito tanto a sugestões de preparação dos encontros de leitura com as crianças quanto à mediação em si.

Leitura prévia

Livros são guardadores de mundos. A gente nunca sabe tudo o que vai encontrar dentro deles: os temas, as ilustrações, os diálogos e as formas de viver mais diversas moram ali dentro. **Por isso, antes de compartilhar um livro, é preciso conhecê-lo.** Para se

preparar para a experiência de leitura com as crianças e mediar esse momento com maior segurança, leia e, se possível, releia a história antes de apresentar para elas.

A cada leitura, os livros podem nos

surpreender. Muitas vezes, já conhecemos a obra, mas ao reler, novas possibilidades pedagógicas e lúdicas se abrem. Então, ao ler um livro, busque observar o que ele propõe, investigar os segredos guardados nas palavras, contemplar as possibilidades estéticas das ilustrações e refletir como esse livro pode tocar as crianças.

Nesse momento, atente-se para a

observação integral dos elementos do livro

e deixe-se surpreender por como o próprio livro pode dar dicas de desdobramentos criativos a partir da leitura.

Preparação para a contação da história

A partir da leitura prévia, você pode decidir quais atividades quer desenvolver com as crianças para se aprofundar em um ou mais livros, bem como definir de quais materiais vai precisar. Então, antes do encontro com a turma, obtenha esses materiais e encontre também todos os outros elementos



necessários para organizar o espaço de modo acolhedor e instigante.

Isso porque, para aguçar ainda mais o interesse das crianças, uma estratégia é fazer da leitura **um momento especial**. Uma maneira simples e eficiente para criar esse momento é se valer de um elemento físico que sinalize, na **rotina** da turma, que o momento da leitura chegou. Falaremos mais sobre essa importância do espaço adiante.

Corpo em ação

A leitura de um livro não se limita à exploração de seu conteúdo escrito e gráfico, especialmente quando estamos lendo com crianças. Podemos pensar em atividades que mobilizem o corpo, criando uma relação ainda mais forte dessa literatura com a vida.

A pessoa mediadora pode, por exemplo, dispor de uma cantiga de roda, ou outro ritual de chegada, antes da leitura do livro. A presença de uma canção e de um movimento circular antes da leitura cria um ambiente acolhedor ao redor do livro e expande os horizontes das crianças leitoras, ainda que as cantigas possam mudar de acordo com os temas trabalhados em cada período do ano.

Atenção para a materialidade do livro

Consideramos importante também incentivar as crianças a observarem a disposição de elementos físicos do livro, para conhecê-lo melhor e acessá-lo com mais autonomia. Então, antes de iniciar a leitura, a pessoa mediadora pode apresentar a capa do livro, indicando o título, quem escreveu e quem ilustrou, além de comentar sobre o que observa na ilustração da capa.

A criança ganha, assim, ferramentas para acessar o livro sozinha posteriormente. Além disso, a repetição desse ritual de pré-leitura faz com que as crianças percebam o ato de ler como parte de sua rotina.

Cuidados com os livros

Uma estratégia para fortalecer a relação das crianças com os livros é reforçar o cuidado com esse objeto tão delicado. Você pode organizar uma roda de conversa com as crianças e registrar em um cartaz alguns combinados sobre o cuidado com o livro para que a vida útil dele seja longa.

Procure registrar ações positivas, como “Vire as páginas com cuidado.”, “Manuseie o livro com as mãos secas e limpas.”, evitando ao máximo frases de cunho negativo como “Não faça...”. Isso fará com que os combinados direcionem com leveza essa relação mais direta das crianças com o objeto livro.



3.2 Espaços e tempos de encontro

Você já parou para pensar como podemos contar a história da nossa vida através dos diferentes espaços que fomos habitando ao longo dos anos? A casa em que passamos boa parte da infância, o quintal dos avós, a rua onde se brincava com as crianças vizinhas, a praça que era ponto de encontro dos jovens da cidade, a praia onde se ia passar as férias, o primeiro lugar para onde se viajou sozinha, a primeira escola...

Experimente fazer essa lista e você vai perceber como nossa relação com lugares mais ou menos cotidianos é significativa para a formação da nossa identidade, para a construção de conhecimento e para o desenvolvimento de hábitos.

É por isso que, quando falamos em criar momentos significativos de leitura junto a crianças, também é importante planejar **onde esses momentos acontecerão e como serão organizados**, para que possam promover não só o encontro das crianças com os livros, como também o encontro das crianças entre si através da leitura.

O espaço como mediador da leitura

Segundo as pesquisadoras Maria Malta Campos e Flúvia Rosemberg (2009, p. 13), oferecer “um ambiente aconchegante, seguro e estimulante” faz parte do respeito aos direitos fundamentais das crianças, podendo inclusive “facilitar brincadeiras espontâneas e interativas” (ibid, p. 14). Inspiradas por essa visão, as pedagogas Karolyne Kusunoki, Elieuzza Lima e Tatiana Moraes (2023) acreditam que a **organização dos espaços** na educação das crianças pode funcionar como um **elemento mediador** das atividades propostas.

A seguir, compartilhamos algumas estratégias que podem te apoiar a criar esse espaço afetivo de **encontro com os livros e tudo o que eles podem motivar.** A própria criação e preparação desse espaço pode contar com a parceria das crianças, fomentando nelas não só o desejo de ler, mas uma relação íntima com o ato da leitura.



A importância do espaço na criação de uma rotina afetiva

Considerando a inclusão dos momentos de leitura no cotidiano escolar, pode ser interessante a criação de uma rotina ou ritual que encoraje a coletividade e a imaginação e, ao mesmo tempo, apoie as crianças a participarem desses momentos e se apropriarem deles com autonomia. E isso tem tudo a ver com o uso que fazemos do espaço!

Por exemplo, a roda de leitura pode ser feita sobre um tecido de formato redondo que comporte todas as crianças participantes, em cima do qual dispomos os livros sugeridos em cada momento. A roda pode acontecer no meio da sala ou, dependendo da atividade e das escolhas de mediação por parte das pessoas educadoras, esse tecido pode ser levado para qualquer outro canto da escola, sinalizando que a roda mudou de lugar.

Ao associar a roda de leitura a um elemento concreto como uma canga ou um tapete, as crianças naturalmente entendem que, não importa onde ele esteja, uma vez que ele é posicionado no espaço, é hora de se reunir com sua turma e se preparar para se aventurar através dos livros!

Saiba mais na seção [Tapete de Histórias.](#)

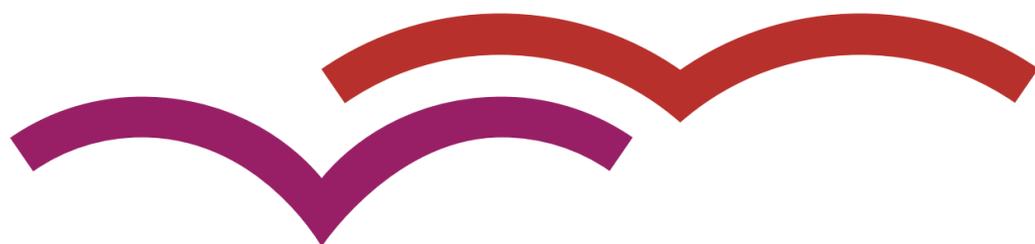
Outras apropriações criativas do espaço

Outro possível exemplo de organização do espaço que pode apoiar a rotina de leitura é colocar um pano atrás do lugar onde o grupo irá se posicionar sempre que o momento de leitura for envolver contação de histórias, seja pela pessoa educadora, seja pelas próprias crianças. Mais uma vez, um elemento concreto e simples faz toda a diferença e aciona o imaginário da contação imediatamente!

E pensando em convidar as crianças a entrar nos diversos mundos que vivem dentro dos livros, uma estratégia pode ser criar uma relação poética entre a temática escolhida nos encontros e os elementos que compõem o espaço de mediação. Esse cuidado pode convidar as crianças a engajar ainda mais sua imaginação durante a leitura!

Como seria transformar um espaço de encontro em uma floresta? E em um barco? Um circo, talvez?

Permita-se sonhar junto com as histórias que você vai ler junto das crianças, fazendo com que a sua preparação para os encontros seja um ato, acima de tudo, criativo.



A possibilidade de formar grupos de trabalho

Dependendo da atividade que você deseja desenvolver, uma possibilidade é dividir as crianças no espaço físico, para que várias propostas de leitura possam acontecer ao mesmo tempo. Isso pode trazer mais tranquilidade e segurança para o trabalho da pessoa educadora e também oportunizar um ambiente rico em dinâmicas interpessoais que convidam as crianças a assumirem responsabilidades, autogerirem seus tempos e realizarem escolhas.

Essa proposta de divisão da turma em grupos se inspira nos *Cantos de Trabalho da pedagogia Freinet*. Karolyne Kusunoki, Elieuzza Lima e Tatiana Moraes (2023) nos lembram que eles “constituem na oferta simultânea de diversas proposições formativas (leitura, jogo de papéis sociais, construção, recorte e colagem, modelagem, por exemplo), organizadas em espaços específicos (internos ou externos), tendo em sua composição abundância de recursos materiais motivadores da ação das crianças.”

Essa organização intencional do espaço físico acontece por meio da ação docente em parceria com as crianças, favorecendo o pleno exercício da autonomia infantil. Com isso em mente, ***sinta-se livre para pensar em atividades que dividam a turma e possam ajudar as crianças a entrarem em contato com diferentes camadas da leitura de um mesmo livro.***





Os tempos de cada encontro

Organizar os encontros dividindo-os em diferentes momentos também apoia a criação de rotinas afetivas com a turma através da leitura. Sugerimos os **três momentos** a seguir:

- 1. Acolhida ou pouso:** o pano de fundo, o tapete ou a canga é colocada em algum lugar do espaço escolar, já sinalizando para as crianças que a roda de leitura vai começar.
- 2. Mediação de leitura:** apresentação do livro e de propostas a partir das temáticas.
- 3. Reconto da história:** desenvolvimento de dinâmicas que mobilizem nas crianças o que ficou das histórias lidas, isto é, atividades sobre o livro ou que derivam do objeto-livro, aprofundando a temática.

3.3 Dispositivos de mediação e atividades sugeridas

Seguindo a proposta de preparar os encontros organizando-os em três momentos (acolhida ou pouso, mediação de leituras e reconto das histórias), compartilhamos a seguir algumas ideias de práticas a serem desenvolvidas com as crianças, além de elementos ativadores que podem compor essa atmosfera acolhedora, afetiva, lúdica, inventiva, ecossistêmica e integrada.

Esses elementos são o que aqui chamamos de **dispositivos de mediação**, que podem ser objetos construídos pelas próprias crianças com a orientação e apoio das pessoas educadoras. Eles servem como convites sensoriais, visuais e sonoros para aprofundarmos os sentidos evocados pelos livros, expandindo a experiência imaginativa da leitura e podendo ser relacionados de diversas maneiras com as **atividades sugeridas**.



Reverenciamos nessa prática inventiva, o poeta *Manoel de Barros (1916-2014)*, autor de *“Cantigas por um passarinho à toa” (2003)*, *“Memórias inventadas” (2005, 2006, 2007)*, *“Exercícios de ser criança” (2000)* e *“Concerto a céu aberto para solos de ave” (1993)*.

Em sua vasta obra poética, o autor recria vários inutensílios como, por exemplo, uma fivela de prender silêncios, um apanhador de desperdícios, um esticador de horizontes, dentre outros, convidando seus leitores a adentrar uma fértil e despretensiosa didática da invenção.

O apanhador de desperdícios

*Prezo a velocidade das tartarugas mais
que a dos mísseis.*

Tenho em mim esse atraso de nascença.

*Eu fui aparelhado para gostar de
passarinhos. / Tenho abundância de ser
feliz por isso. / Meu quintal é maior do que
o mundo. / Sou um apanhador de
desperdícios: / Amo os restos como as
boas moscas. / Queria que a minha voz
tivesse um formato de canto. / Porque eu
não sou da informática: / eu sou da
invencionática. / Só uso a palavra para
compor meus silêncios. (BARROS, 2003)*

Tapete de histórias

Conforme citado anteriormente, o tapete é um elemento com muitas possibilidades e tem como função sinalizar, no tempo-espaço, um momento dedicado à leitura, sendo muito significativo para o momento de acolhida ou pouso. Tapetes trazem a sensação de aconchego, delimitam um espaço direcionado aos “rituais de leitura” e às atividades propostas, trazem contornos que fortalecem o sentimento de integração, de segurança, receptividade e geralmente evocam memórias afetivas.

Os tapetes têm origem persa e os primeiros estão datados de dois mil e meio anos atrás, mas os primeiros registros de uso de tapetes para contar histórias são de 1987, na França. Nesse caso, o tapete servia para contar uma história específica e era criado utilizando elementos presentes na história, como fazem até hoje os “*Tapetes Contadores de Histórias*”, grupo brasileiro que desenvolve pesquisas entre texto e têxtil há mais de vinte anos.



Sugerimos que os tapetes sejam criados em tecido, conjuntamente com as crianças e preferencialmente em formato circular. Desse modo, eles servirão para todas as histórias, de acordo com o tema escolhido na confecção do tapete. Algumas possibilidades: um tapete azul que imita o fundo do mar, um tapete arco-íris de retalhos coloridos, um ninho de passarinho, um tapete com uma fogueira no centro e pessoas de diversas etnias e gêneros pintadas ao redor, evocando as ancestralidades e a tradição oral.

“Liberte uma palavra”: caça ao livro

Podemos transformar uma caixa no dispositivo “*liberte uma palavra*”, de Ivy Mari Mikami, da Cia. Bambuzal de Histórias ao guardar nela pequenos papéis com palavras-imagens relativas a um determinado livro. Para integrá-la ao momento de mediação, as crianças podem sortear um ou mais papéis, a depender da dinâmica a ser desenvolvida no encontro, e, em seguida, serem desafiadas a encontrar o livro ou os livros que contêm as palavras sorteadas.

Criativamente, a caixa também pode ser associada ao tapete e trazer palavras-imagens relativas aos livros que serão abordados no momento de mediação da leitura. Por exemplo, se o tapete simular o fundo do oceano, a caixa poderá ter o formato de uma grande concha e as palavras-imagens de dentro dela poderão ser folhas de formato redondo como pérolas. Já se o tapete simular o arco-íris, o objeto guardador de palavras-imagens pode ser um baú de moedas de ouro. Ou então, se for um ninho, o objeto pode ser um ovo gigante ou vários ovos com palavras-imagens em formato de penas.

Conforme a turma for criando intimidade com o uso deste dispositivo, uma ação interessante é convidar as crianças a alimentarem esses guardadores com palavras-imagens que elas mesmas escolheram de seus livros preferidos, para que elas indiquem sugestões de leituras numa dinâmica mais ativa e democrática com o acervo.



Kamishibai (Teatro de papel)

O *kamishibai* é uma plataforma tradicional muito utilizada na arte de contar histórias no Japão e está começando a ser difundido no Brasil. Antigamente, artistas e contadores de histórias (*kamishibayas*) circulavam por todo o país pedalando bicicletas com seus *kamishibais* na garupa e atraíam grandes públicos contando histórias e vendendo doces para as crianças.

Literalmente, *kami* significa papel e *shibai*, teatro, portanto, um **teatro de papel** formado por três elementos: *butai* (plataforma de apresentação, uma espécie de palco para as ilustrações), texto narrativo e ilustrações pintadas à mão (sequência de imagens).



O *butai* é tradicionalmente feito em madeira, mas é possível criar versões mais adaptadas à sala de aula, como em papelão. Desse modo, para a construção de um teatro de papel, necessitamos de: caixas de papelão, tesoura, lápis, cola, régua, fita crepe, e, se possível, pincéis e tintas para pintura. Depois, é só seguir esse **passo a passo**, contando inclusive com a ajuda das crianças.

O *kamishibai* pode fazer parte do momento de mediação de leituras e também do reconto das histórias. Assim, as crianças, individualmente, em duplas ou em grupos, também podem ser convidadas a fazer uso do *kamishibai*. Para isso, sugerimos algumas etapas:

- 1.** Releitura do livro;
- 2.** Reconstrução da narrativa, dividindo a história em uma determinada quantidade de cenas;
- 3.** Ilustração das cenas com lápis e giz-de-cera em folhas de sulfite A4;

- 4.** Organização das cenas na sequência da história;
- 5.** Escrita das legendas das cenas no verso das ilustrações*
- 6.** Introdução do conjunto de ilustrações já com legendas organizadas na sequência da história dentro do butai;
- 7.** Tudo pronto para recontar a história!



** Atenção! Diferente de como poderíamos comumente associar ilustrações e legendas, a legenda de cada cena deve, nesse caso, ser escrita na ilustração da cena anterior. Isto é, o primeiro papel será composto da ilustração 1 (frente) e legenda 2 (verso), o segundo papel, da ilustração 2 (frente) e legenda 3 (verso), e assim sucessivamente, sendo que o último papel é sempre composto da última ilustração (frente) e da legenda 1 (verso). Assim, conforme trocamos as cenas, a ilustração que estava na frente vai para o fim da sequência e, enquanto o público vai acompanhando cada ilustração, a parte de trás da cena anterior pode ser lida pela pessoa que está contando a história. Para que isso funcione, é importante que, ao fim de cada cena da narrativa, a ilustração que acabou de ser apresentada vá para o fundo do butai.*



Cantos temáticos

A organização do espaço onde ocorrerá a leitura abre muitas possibilidades pedagógicas de troca. Um espaço organizado reforça a **autonomia** das crianças. Então, sugerimos a criação de **cantos temáticos** de acordo com o que a pessoa mediadora deseja explorar em determinado período ou com o interesse das crianças. Por exemplo: Você pode criar um **varal de poesia**, onde distribui livros de poesia que serão lidos ao longo dos dias. Após a leitura e observação das características desse tipo de texto, você pode sugerir que as crianças escrevam um poema sobre um animal que gostam ou sobre seus sentimentos e ilustrem para pendurar no varal. Essa visualidade faz com que as crianças se sintam tão autoras quanto as pessoas autoras dos livros.

Você pode também dispor um tapete num canto da sala, com um cesto ou caixa com livros sobre dinossauros, sobre a natureza, ou outro tema, e reservar um momento para que as crianças explorem autonomamente esse livro, de acordo com os **combinados de cuidado com o livro.**

Roda de leitura

Separe alguns livros de acordo com o interesse das crianças e a fase de leitura em que elas se encontram. Sugerimos escolher alguns títulos a mais em relação ao número de crianças, isto é, se houver dez crianças no grupo, disponibilize quinze livros na roda. Promova, então, uma ciranda de livros, em que as crianças possam ter autonomia para escolher um título e passar uma semana com ele.

Esse livro pode ficar guardado em um espaço determinado na sala de aula, e a pessoa mediadora pode reservar um momento no cotidiano para que essa leitura seja feita pelas crianças. Após uma semana, o grupo pode se reunir de novo em roda, com espaço para que algumas crianças apresentem o que leram. É importante que as pessoas que apresentam o livro mudem de semana a semana.

A dinâmica de apresentação do livro também pode mudar. Você pode, por exemplo, construir junto com as crianças um grande dado que contenha, em cada face, um elemento do livro a ser apresentado, como o título, a personagem principal, a pessoa

autora e a pessoa ilustradora. Além disso, esse dado pode incluir perguntas que sugiram formas lúdicas de apresentar o livro, como “Em que momento e com quem você leu esse livro?” ou ainda “Como estava seu corpo durante a leitura, em pé, sentado?”

Cantigas para reunir, cantigas de despedida

Acreditamos que ritualizar pousos e revoadas, marcar inícios e finalizações dos momentos de mediação, de forma cantada - ou tocando algum sino, carrilhão de chaves, um apito de passarinho, por exemplo - potencializa muito o estado de presença das pessoas envolvidas nas atividades. Escutar uma cantiga ou uma sonoridade específica de chamada para a história prepara nossos ouvidos e nossa atenção para vivenciar sensivelmente a experiência da leitura, é um convite sonoro para adentrar o “portal das histórias”, uma permissão para adentrar um estado poético compartilhado. Do mesmo modo, sinalizar quando um momento se encerra de forma mágica, convida as crianças a se despedirem da experiência de forma mais cuidadosa, para que possam "virar a chave", concluir a experiência e adentrar outros portais e atividades com inteireza.

Deixamos como sugestão de material de apoio, o livro *“De roda em roda: brincando e cantando o Brasil”* de Teca Alencar de Brito e ilustrado por Taisa Borges que apresenta uma série de cantigas de roda, brincadeiras cantadas e ritmos tradicionais da cultura popular brasileira com a descrição de como brincar, com as letras das cantigas e curiosidades sobre a região onde a canção foi registrada. O livro é acompanhado dos áudios das músicas que podem ser acessados online.

Recontos

A repetição no cotidiano das crianças é extremamente importante para os processos de aprendizagem. A criação de rotinas em torno da leitura é fundamental para o fortalecimento de uma relação mais estreita com os livros. Nesse sentido, o reconto é uma possibilidade de promover a repetição e fortalecer essa relação.

Existem muitas formas de recontar uma história. Assim como é interessante apresentar o livro pela primeira vez com a surpresa de uma novidade, também é possível retomar a história para um reconto coletivo. Desse modo, as crianças podem apresentar os elementos do livro conforme

se lembram. Esse dispositivo de reconto e retomada da narrativa ajuda as crianças a estruturarem sua capacidade de contar suas próprias histórias da maneira que desejarem.

Oralmente, de maneira coletiva, cada criança pode falar sobre uma parte da história e, junto, o grupo pode relembrar toda uma história já contada.

Outra possibilidade é recontar uma história utilizando objetos presentes no cotidiano escolar, como lápis, borracha, cola, tesoura, cada um deles representando um personagem ou compondo o cenário da história. Você pode construir, junto com as crianças, uma estrutura de papelão em formato de meia lua e dispor à frente dela um pano onde será realizado o reconto. Esse tipo de dinâmica fortalece a capacidade imaginativa das crianças, e faz com que elas enxerguem em elementos cotidianos a possibilidade de imaginar outros mundos, como nos inspira o autor Manoel de Barros, já citado anteriormente, em sua poética didática da invenção.

Aprendendo a perceber e expressar emoções

Dentre as competências gerais indicadas pela BNCC, além dos conhecimentos lógico-formais, são abarcadas também habilidades socioemocionais, como o autocuidado e a empatia. Apoiar as crianças no desenvolvimento da percepção e acolhimento de suas emoções pode ser um desafio que a literatura pode nos ajudar a atravessar com cuidado e criatividade.

Não são poucas as pessoas educadoras que reconhecem o ato de ler como uma das maneiras mais acessíveis de trabalhar tais habilidades com as crianças. Isso porque o trabalho com a linguagem que encontramos nos livros, muitas vezes não convencional, nos ensina muito sobre modos pessoais de nomearmos o que sentimos. Além disso, o contato com histórias de outras pessoas, reais ou imaginadas, pode convidar as crianças a olharem para dores ou prazeres que não são seus e, ao mesmo tempo, refletir sobre como tais experiências **também estão presentes em sua vida***.



Por acreditarmos na importância desse processo receber seu devido espaço na sociedade, de casa à sala de aula, uma das classificações temáticas que propomos para nosso acervo trata exatamente sobre “sentimentos”. Com a ajuda desses livros, sugerimos algumas possíveis ações que podem ser combinadas para convidar seus alunos à aventura que é perceber e expressar o que estamos sentindo a cada instante de nossas vidas:

- 1.** No momento de acolhida ou pouso, pode ser interessante integrar um [exercício de respiração](#) e, então, um espaço aberto para as crianças responderem à pergunta **“Como me sinto hoje?”**. Você pode sugerir que elas respondam apenas com uma palavra ou que desenhem como se sentem, por exemplo. Você pode também deixar livre para que elas respondam como quiserem e como se sintam confortáveis, sempre mantendo uma atitude acolhedora para o que surgir e mediando possíveis conflitos, constantemente lembrando a turma de que esse é um espaço seguro em que cada pessoa merece ser ouvida com atenção e respeito.

2. Depois da roda “Como me sinto hoje?”, caso o desenho seja escolhido como material de resposta, uma possibilidade interessante é orientar cada criança a criar um **jogo de cartas das emoções** que depois poderá ser usado para engajar a turma durante a mediação.

a. Para a criação do jogo, disponibilize folhas sulfite ou papel cartão A4 cortadas em 4 partes e materiais com que desenhar e colorir (lápis de cor, canetinhas coloridas, giz de cera, tinta guache, etc.).

b. Com os materiais dispostos na frente das crianças, vá nomeando diferentes emoções que as crianças já mencionaram, agregando também aquelas que não apareceram, mas estão presentes no livro que vocês vão ler. Comece pelas emoções mais comuns, como alegria, tristeza, raiva, nojo, medo e surpresa.

- c.** A cada emoção nomeada, as crianças devem fazer um desenho que a represente e, se já alfabetizadas, elas podem escrever o nome da emoção em cada cartinha. Assim, ao final, cada criança terá o seu próprio conjunto de cartas que representam um conjunto de emoções.
 - d.** Durante o momento de mediação, com os seus jogos em mãos, você pode convidar a turma a mostrar as cartas correspondentes às emoções das personagens enquanto escutam a história.
 - e.** As cartas também podem apoiar o momento de reconto, em que cada criança pode ir apresentando diferentes cartas não só para ilustrar as diferentes emoções das personagens, mas também as próprias emoções que sentiu ao ouvir a história.
- 3.** Caso você não disponha de tanto tempo para que as crianças possam criar essas cartas, você pode encorajá-las, ao ouvirem a história sendo contada, a expressar com o rosto como as personagens se sentem, brincando de fazer **mímica com as emoções.**

a. Uma possibilidade de organização dessa dinâmica é, durante a mediação de leituras, fazer pausas a cada momento que uma nova emoção surge na história e incentivar que uma das crianças faça a mímica enquanto as outras buscam dar nome para essa emoção.

b. A partir desse jogo, durante o reconto das histórias, você pode convidar a turma a comentar as seguintes questões:

i. A personagem se sente alegre/triste/surpresa/com medo/com raiva/com nojo quando...

ii. Eu me sinto alegre/triste/surpresa/com medo/com raiva/com nojo quando...

Como você pode ver, as atividades que acabamos de sugerir propõem que dar nome às emoções pode nos ajudar a termos mais atenção ao que sentimos e, então, a como agimos a partir disso. Caso você ainda reconheça nas crianças uma grande dificuldade em nomear o que sentem, uma boa estratégia, antes de realizar qualquer

uma dessas atividades, é iniciar esse trabalho com a ajuda do livro **Emocionário: Diga o que você sente**, escrito por Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Varcálcel e ilustrado por Adriana Keselman. Criado como um dicionário de emoções, esta obra é um bom material de autoconhecimento e educação emocional bastante importantes para lidar com os desafios e aprendizagens da infância.

Um outro livro que pode contribuir muito para esse trabalho é **Palavra de criança: coisas que você pode aprender com sua criança interior**, escrito e ilustrado por Patricia Gebrim. Por meio de uma linguagem simples e direta tal como a das crianças, sem reservas sobre o que dizem, sentem e pensam, a autora traz mensagens e lições lúdicas sobre o que sentimos. Acompanhado de um baralho com 45 cartas ilustradas que ajudam a expandir o vocabulário socioemocional para perceber e comunicar as emoções, este material traz possibilidades de brincar e se auto-conhecer com muita delicadeza e sensibilidade.





Abraçando um livro

Muitas vezes, ao ler uma história percebemos diversos desdobramentos possíveis. Muitos sentidos vão aparecendo nas leituras e releituras de uma história. Por isso, sugerimos a possibilidade de abraçar o livro, passar mais tempo com ele, ler e reler para as crianças e traçar muitos caminhos pedagógicos a partir dessa leitura. Para ilustrar essa possibilidade, convidamos você a abraçar o livro ***Grande assim***, de *Mhlobo Jadezweni e Hannah Morris*.

Todo mundo é grande assim!: Grande assim conta a história de um menino que queria ser árvore, fala sobre sonhos, desejos e transformações. Essa história foi escrita inicialmente em IsiXhosa, uma língua falada na África do Sul. Essa língua tem alguns fonemas bem diferentes do português e o mais famoso deles é o “clique”, que é um estalar de língua no meio das palavras.

Leitura: Se a sua escola tiver um ambiente externo, faça a leitura ali: um parquinho, um jardim, o quintal podem expandir o horizonte de leitura das crianças. Peça que elas fiquem descalças, sintam a terra e observem o céu, pois esses elementos farão parte da história. Você pode também

disponibilizar uma bacia de água e pedir que as crianças mergulhem suas mãos e passem no rosto para sentir melhor o vento. Depois desse momento de sensibilização, faça a leitura do livro.

Pé de sonhos: Ao fim, você pode lançar uma pergunta. O sonho de Tshepo era se tornar uma grande árvore: qual é o sonho de vocês? Em outro momento, você pode fazer um registro desses sonhos de maneira lúdica, construindo, junto com as crianças, uma árvore de papel ou papelão e pedindo que cada um/a escreva e/ou desenhe o seu maior sonho para pendurar nesse “pé de sonhos.”

Qual é o tamanho dos nossos sonhos?:

Depois da leitura, você pode pedir que uma criança deite em uma grande folha de papel e alguém registrará sua silhueta. Dentro desse contorno, cada criança da turma pode preencher, ao longo da semana, o espaço com seus sonhos, escrevendo, desenhando e essa produção coletiva pode ficar exposta em alguma parede da sala. Essa atividade também possibilita a exploração de unidades de medida: com uma fita métrica, as crianças podem medir seus corpos, o tamanho de alguma parte, como os braços e conversar sobre como cada um é diferente.

O som do clique: Como a língua IsiXhosa apresenta esse fonema, você pode contar para as crianças que o livro foi escrito nessa língua e depois traduzido para o português. Nesse link, é possível escutar a história na voz do autor em sua língua original: www.editorapeiropolis.com.br/peiropolismundo.

Também há vídeos da artista sul-africana Miriam Makeba, em que ela canta em IsiXhosa, como este aqui: youtube.com/watch?v=vhgb60Qsjrs. Após escutar a história e/ou assistir ao vídeo, você pode desafiar as crianças a estalar a língua e tentar ler alguma das palavras em IsiXhosa do livro.

Essas são algumas possibilidades, mas sinta-se livre para desdobrar essa história tão rica de outras formas!



Canteiro poético

Dentro de uma visão ecossistêmica, entendemos as palavras e imagens de um livro como sementes no imaginário das crianças em fase de alfabetização, sendo capazes de inspirar e mobilizar interesses que poderão direcionar escolhas e abrir novas possibilidades e caminhos. Diante disso, tão importante quanto escolher sementes que abracem a diversidade cultural, um olhar cuidadoso sobre o meio ambiente, a democracia e o autoconhecimento, é o **cultivo** dessas sementes em um espaço fértil, arejado e propício ao crescimento do que há de brotar.

O canteiro poético nada mais é do que um espaço concreto onde podemos, de fato, plantar sementes! Pode ser uma jardineira ou um vaso grande para ambientes internos, bem como um pequeno canteiro, se houver espaço externo com terra na escola.



Sinalizamos o canteiro com uma plaquinha indicando a categoria que queremos trabalhar com as crianças, que pode ser Meio Ambiente ou qualquer outra. Além disso, deixamos junto dele um regador que possa ser usado pelas crianças e um painel com os dias da semana em que este regador será ativado por uma pessoa mediadora que ritualizará a **rega poética** do dia com alguma proposta de mediação de leitura relativa à categoria sinalizada.

A mediação desembocará no registro de uma palavra, frase, verso ou ilustração do livro escolhido no painel. A responsabilidade de cultivar e regar as sementes diariamente poderá ser organizada coletivamente de modo a **conscientizar as crianças sobre o que é cultivar e reflorestar o meio ambiente e cultivar o conhecimento e a linguagem em uma prática integrada.** Afinal, a atenção e a constância são muito importantes para a manutenção de uma rotina diária, seja para o crescimento das plantinhas, seja para a alfabetização e o desenvolvimento da leitura.

4

Conclusão



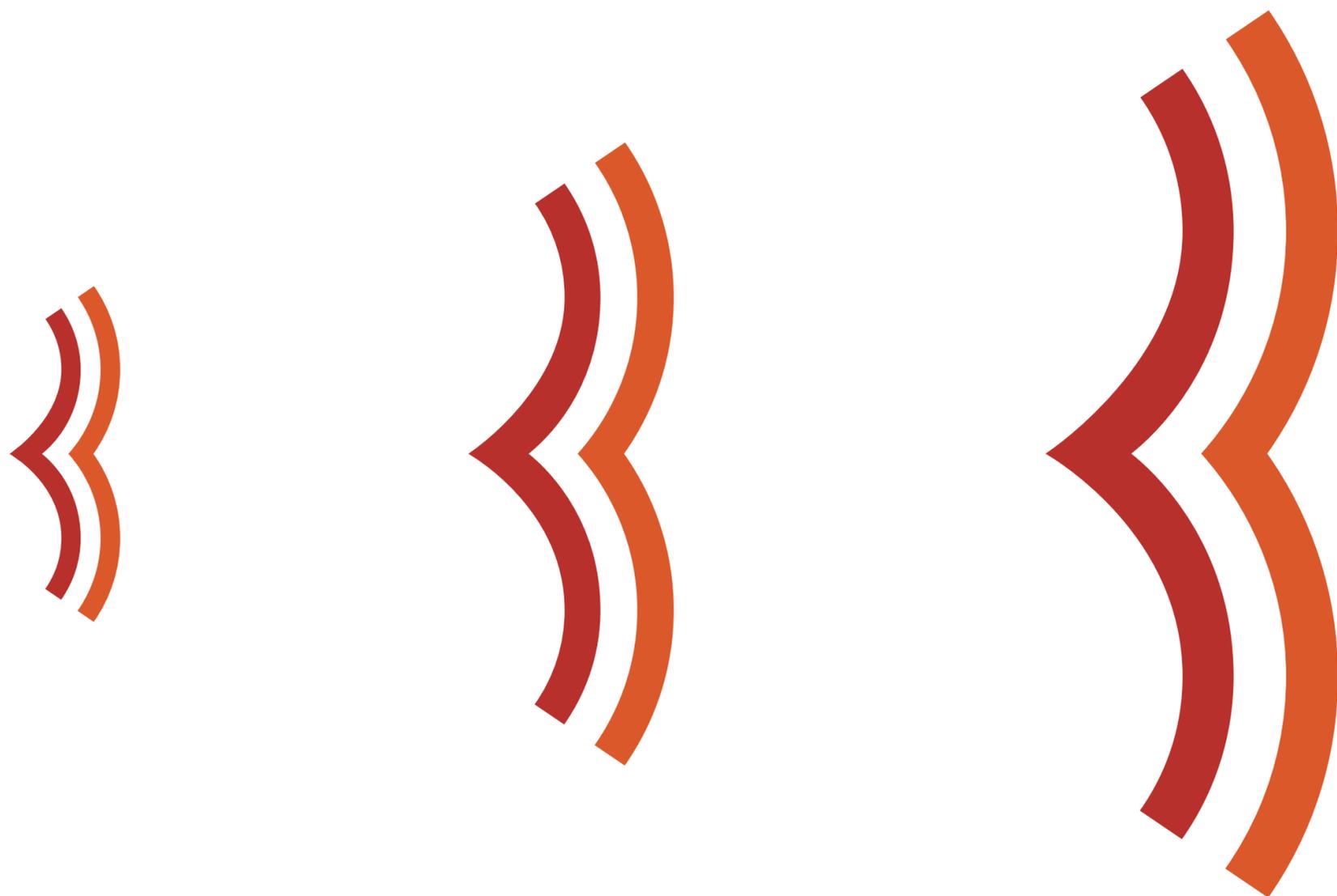
Ao falar sobre leitura, Paulo Freire afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra [...] Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro negro; gravetos o meu ‘giz’”.

Esperamos que, ao ler este guia, a cada sugestão de preparação ou atividade sugerida, você tenha se deparado com modos de convidar as crianças a lerem o mundo de forma criativa e autônoma. E mais: que você tenha descoberto que espaços como a biblioteca possibilitam, além de processos de letramento, um lugar de comunhão e trocas que facilitam a integração da criança na sociedade.

Todas as reflexões e práticas detalhadas nessas páginas foram desenvolvidas a partir de muita pesquisa e de nossas experiências com a leitura infantil. Através delas, compartilhamos com você possíveis

caminhos para integrar os livros que sua escola está recebendo de modo coerente à rotina das crianças, mas, principalmente, potencializar o trabalho incrível que você já vem fazendo para alfabetizá-las.

E por celebrarmos esse trabalho, reforçamos que tudo o que você acabou de ler, mais do que um guia de ação, é um mapa que te convida a explorar a mediação de leitura enquanto um exercício pleno de potencialidades. Que você se desafie a refletir sobre o que aprendeu aqui e se permita criar suas próprias estratégias para fazer do ato de ler com crianças um movimento vivo, acolhedor, engajado e capaz de transformar nossas realidades!



5 Leituras sugeridas

Com o desejo de te apoiar também na reflexão e experimentação sobre as potencialidades de sua atuação com as crianças e os livros, reunimos alguns títulos que podem te inspirar. Eles apresentam discussões em torno do papel da leitura no desenvolvimento infantil, bem como defendem a importância da imaginação e da criatividade no trabalho docente.





- » **Sabores, cores, sons, aromas:**
organização dos espaços na educação infantil (Porto Alegre: Artmed, 2004), livro de Maria da Graça Souza Horn que reflete sobre os fatores que compõem os ambientes escolares voltados à infância, de modo a compreender a mediação deles na promoção do desenvolvimento infantil.

- » **Critérios para um atendimento em Creches que Respeitem os Direitos Fundamentais das crianças** (Brasília: MEC, SEB, 2009, 6 ed.), de Maria Malta Campos e Flúvia Rosemberg. Neste documento do Ministério da Educação, encontramos o detalhamento de práticas concretas adotadas no trabalho direto com as crianças no ensino infantil, além da definição de diretrizes e normas políticas para o funcionamento de espaços escolares voltados à infância.

- » **Técnicas Freinet e trabalho pedagógico na Educação Infantil:** Reflexões sobre os Cantos de Trabalho (Rev. Diálogo Educ., Curitiba , v. 23, n. 76, p. 444-468, jan. 2023), de Karolyne Aparecida Ribeiro Kusunoki, Elieuzza Aparecida de Lima e Tatiana Schneider Vieira de Moraes. Neste artigo, as autoras discutem os Cantos de Trabalho - técnica criada e desenvolvida por Célestin Freinet (1896- 1966) - como forma de encaminhar o trabalho pedagógico com crianças.

- » **Infância, linguagem e letramento:** Educação Infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2003), de Patrícia Corsino. No segundo capítulo de sua tese de doutorado, a autora reflete sobre questões de linguagem que se relacionam à infância e à própria constituição do sujeito, entendendo a criança como produtora de cultura e pensando limites e possibilidades da literatura infantil.

- » **Caminhando com a Literatura:** pressupostos teórico-metodológicos (Prática de Ensino 4. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2005, v. 2, p. 19-27), de Adrienne Ogêda Guedes e Iduina Mont'Alverne Braun Chaves. Neste artigo, as autoras nos mostram como formar leitores pode ser uma tarefa saborosa e que precisa de um trabalho cotidiano.

- » **Ensino 11:** imaginação, de bell hooks. Neste capítulo que faz parte do livro Ensinando pensamento crítico - sabedoria prática (São paulo: Elefante, 2020), a autora celebra o papel desempenhado pela imaginação na criação e manutenção de uma sala de aula engajada.

- » **La poética de la enseñanza (Belo Horizonte:** ABRACE, 2014. p. 15-30), ensaio em que Patricia Cardona nos lembra como a ação docente é inerentemente um processo criativo.

6

Lista de Livros

Legenda



Poesia



Memória e Ancestralidade



Emoções e afetos



Uma boa história



Histórias de verdade



Feminismos



Meio ambiente

livro	pessoa autora	pessoa ilustradora	temáticas
A árvore generosa	Fernando Sabino, Shel Silverstein	Shel Silverstein	meio ambiente, narrativas, sentimentos
A bruxa do breu	Janaina Tokitaka	Flávia Borges	feminismos, narrativas
A cura da terra	Eliane Potiguara	Soud	meio ambiente, ancestralidade, culturas indígenas
A é de Ativismo	Innosanto Nagara	Innosanto Nagara	informativo
A eleição dos bichos	André Rodrigues, Larissa Ribeiro, Paula Desgualdo, Pedro Markun	Paula Desgualdo	narrativas, meio ambiente
A lalorixá e o Pajé	Mãe Stella de Oxóssi	Enéas Guerra	culturas indígenas, culturas africanas, ancestralidade
A inacreditável, porém verdadeira, história dos dinossauros	Guido Van Genechten	Guido Van Genechten	informativo, meio ambiente
A menina mandioca	Rita Carelli	Luci Sacoleira	culturas indígenas, narrativas

A menina que abraça o vento: a história de uma refugiada congoleesa	Fernanda Paraguassu	Suryara Bernardi	culturas africanas, informativo
A morte da lagarta	André Rodrigues, Larissa Ribeiro, Pedro Markun, Paula Desgualdo	Paula Desgualdo	narrativas, sentimentos, meio ambiente
A Raiva	Blandina Franco	José Carlos Lollo	sentimentos
Akenda Mbani	Rosa Mont'Alverne	Bruna Lubambo	narrativas, culturas africanas
Amigas que se encontraram na história	Angélica Kalil	Amma	feminismos, informativo
Amoras	Emicida	Aldo Fabrini	culturas africanas, poesia
Aqui e aqui	Caio Zero	Caio Zero	sentimentos, culturas africanas, narrativas
Bela, a fera e Fernão, o belo	Janaina Tokitaka	Flávia Borges	feminismos, narrativas

Bichos de cá	Edson Penha, Xavier Bartaburu	Tatiana Cauzet	meio ambiente, informativo
Bonito é se gostar	Drika Duarte	Flávia Duarte	uma boa história, poesia, ancestralidade
Cada coisa	Eucanaã Ferraz	Raul Loureiro	poesia
Cantigas por um passarinho à toa	Manoel de Barros	Kammal João	poesia
Capoeira	Sonia Rosa	Rosinha Campos	culturas africanas, ancestralidade, narrativas
Chão de peixes	Lúcia Hiratsuka	Lúcia Hiratsuka	culturas nipo-brasileiras, poesia, ancestralidade
Chuva de manga	James Rumford	James Rumford	culturas africanas, narrativas
Cinderela e o baile dela	Janaina Tokitaka	Flávia Borges	narrativas, feminismos
Ciranda em Aruanda	Liu Olivina	Liu Olivina	ancestralidade, culturas africanas
Coisa de menino	Pri Ferrari	Pri Ferrari	sentimentos
Com a ponta dos dedos e os olhos do coração	Leila Rentroia Iannone	Natália Gregorini	sentimentos, narrativas

Como eu cheguei aqui	Philip Bunting	Philip Bunting	informativo
Cosmonauta	Mário Alex Rosa	Carol Fernandes	informativo, poesia
Curupira, brinca comigo?	Lô Carvalho	Susana Rodrigues	poesia, ancestralidade
Da minha janela	Otávio Junior	Vanina Starkoff	narrativas
Dandara Guerreira em cordel	Madu Costa	Carol Fernandes	informativo, culturas africanas, poesia
Descobrimdo o Xingu	Marco Antonio Hailer	Juliana Basile	culturas indígenas
Duas mães	Carol Campos	Corine Carreira	sentimentos
Ei você! Um livro sobre crescer com orgulho de ser negro	Dapo Adeola	Dapo Adeola	ancestralidade, sentimentos
Era uma vez uma ave	Gastón Hauviller	Dipacho	narrativas, sentimentos
Estranhas criaturas	Cristóbal León, Cristina Sitja Rubio, Luciana Veit	Cristina Sitja Rubio	meio ambiente

Estrela Kaingáng: a lenda do primeiro pajé	Luciana Vãngri Kaingáng	Catarina Bessell	culturas indígenas
Exercícios de ser criança	Manoel de Barros	Kammal João	poesia
Feijoada	Sonia Rosa	Rosinha Campos	ancestralidade, narrativas, culturas africanas
Fio de rio	Anita Prades	Anita Prades	meio ambiente, sentimentos
Guayarê: o menino da aldeia do rio	Yaguarê Yamã	Yaguarê Yamã	culturas indígenas, narrativas
João por um fio	Roger Mello	Roger Mello	narrativas, ancestralidade
Joaquim em: Sentir raiva é ruim?	Caroline Arcari	Paula Ayumi	sentimentos
Jongo	Sonia Rosa	Rosinha Campos	culturas africanas, ancestralidade, narrativas
Julián é uma sereia	Jessica Love	Jessica Love	sentimentos, narrativas
Lá e aqui	Odilon Moraes, Carolina Moreyra	Odilon Moraes	sentimentos, narrativas

Lá fora	André Neves	André Neves	sentimentos, narrativas
Mãe Dinha	Maria do Carmo Galdino	Mariana Massarini	ancestralidade, culturas africanas
Maracatu	Sonia Rosa	Rosinha Campos	ancestralidade, culturas africanas, narrativas
Menino baleia	Lulu Lima	Natalia Gregorini	sentimentos, narrativas
Monstro Rosa	Olga de Dios, Thaisa Burani (tradução)	Olga de Dios	sentimentos, narrativas
Mungunzá	Tatiane Silva Santos	Bruna Lubambo	culturas africanas, ancestralidade, sentimentos
Não derrame o leite!	Stephen Davis	Christopher Corr	sentimentos, ancestralidade, narrativas
Não me toca, seu boboca	Andrea Viviana Taubman	Thais Linhares	sentimentos
Não!	Marta Altés	Marta Altés	uma boa história
Nina: uma história de Nina Simone	Traci N. Todd	Christian Robinson	informativo, feminismos

Ninguém é pequeno demais para fazer a diferença	Jeanette Winter	Jeanette Winter	sentimentos, narrativas, feminismos
Nós de axé	Janaína de Figueiredo	Paulica Santos	culturas africanas, ancestralidade
O bicho alfabeto	Paulo Leminski	Ziraldo	poesia
O homem que roubava as horas	Daniel Munduruku	Janaína Tokitaka	sentimentos, narrativas
O mais sensacional guia intergaláctico do espaço	Carole Scott	Raph Lazar	informativo
O menino com flores no cabelo	Jarvis	Jarvis	narrativas, sentimentos
O menino coração de tambor	Nilma Lino Gomes	Maurício Negro	ancestralidade, culturas africanas, narrativas, sentimentos
O menino Nito	Sonia Rosa	Victor Tavares	sentimentos, narrativas
O pequeno sereio	Janaína Tokitaka	Flávia Borges	feminismos, sentimentos

O Pinguinauta	Marcie Colleen	Emma Yarlett	poesia, uma boa história
O quintal da minha casa	Fernando Nuno	Bruno Nunes	meio ambiente, poesia
O quintal das irmãs	Waldete Tristão	Rodrigo Andrade	poesia, narrativas
O rato e a montanha	Antonio Gramsci	Laia Domèchi	narrativas, sentimentos
O tabuleiro da baiana	Sonia Rosa	Rosinha Campos	ancestralidade, culturas africanas, narrativas
O vestido de Afiya	James Berry	Anna Cunha	culturas africanas, narrativas, ancestralidade, sentimentos
Obax	André Neves	André Neves	culturas africanas, sentimentos, ancestralidade, narrativas
Olívia tem dois papais	Márcia Leite	Taline Schubach	narrativas, sentimentos
Ombela, a origem das chuvas	Ondjaki	Rachel Caiano	culturas africanas, sentimentos
Omo-oba: histórias de princesas e príncipes	Kiusam de Oliveira	Ayodê França	culturas africanas, ancestralidade, narrativas

Orie	Lucia Hiratsuka	Lucia Hiratsuka	culturas nipo-brasileiras, narrativas, sentimentos, ancestralidade
Os dengos na moringa de voinha	Ana Fátima	Fernanda Rodrigues	ancestralidade, culturas africanas, sentimentos
Os tesouros de Monifa	Sonia Rosa	Rosinha	culturas africanas, ancestralidade
Pássaro amarelo	Olga de Dios, Thaisa Burani (tradução)	Olga de Dios	narrativas, sentimentos
Pequeno manual de meditação: para crianças que querem se conectar com o mundo	Kiusam de Oliveria	Rodrigo Andrade	sentimentos
Pippi Meialonga	Astrid Lindgren	Ingrid Nyma	narrativas, sentimentos
Pode pegar!	Janaina Tokitaka	Janaina Tokitaka	narrativas, sentimentos
Preciso de espaço	Philip Bunting	Philip Bunting	uma boa história, sentimentos
Princesa Kevin	Michaël Escoffier	Roland Garrigue	sentimentos, narrativas

Quem disse?	Caroline Arcari	Guilherme Lira	feminismos, informativo, sentimentos
Rã de três olhos	Olga de Dios, Thaisa Burani (tradução)	Ana Teixeira Tomás e Bruno	meio ambiente, sentimentos, narrativas
Resgate do planeta	Patrick George	Patrick George	meio ambiente
Se você quiser ver uma baleia	Julie Fogliano	Erin. E. Stead	poesia
Será que a terra sente?	Marc Majewski	Marc Majewski	poesia, meio ambiente
Será que eu divido meu sorvete?	Mo Willems	Mo Willems	sentimentos, uma boa história
Sona: contos africanos desenhados na areia	Rogério Andrade Barbosa	Thais Linhares	culturas africanas, ancestralidade, sentimentos
Talvez você consiga	Imogen Foxell	Anna Cunha	sentimentos, narrativas
Tapajós	Fernando Vilela	Fernando Vilela	culturas indígenas, narrativas, meio ambiente
Tayó em quadrinhos	Kiusam de Oliveira	Amora Moreira	poesia, ancestralidade, culturas africanas

Tuiupe e o maraca mágico	Auritha Tabajara, Paola Tôrres	Tai	culturas indígenas, poesia
Um dia feliz	Patricia Santana	Carol Fernandes	culturas africanas, ancestralidade, narrativas
Zoom	Istvan Banyai	Istvan Banyai	poesia
Zum zum Zumbiiii: história de Zumbi dos Palmares	Sonia Rosa	Simone Matias	ancestralidade, informativo, poesia
Zumbi dos Palmares em cordel	Madu Costa	Jozias Marinho	poesia, narrativas, ancestralidade

natura
CRER
PARA
VER

100% do
lucro para
transformar
vidas através
da educação